

Eleitor em lua-de-mel

No dia da votação do relatório da CPI do caso PC, 60 mil pessoas se aglomeraram no gramado em frente o Congresso. Nesta noite, o deputado Sigmaringa Seixas (PSDB), no segundo mandato por Brasília, presenciou uma cena inédita: "As pessoas pediam autógrafa aos políticos".

Era o resgate do Congresso como representante da sociedade brasileira. "Vivemos um momento de absoluta sintonia com a vontade popular, em que predomina o altruísmo", diz o senador Mário Covas (PSDB-SP). Covas compara o atual momento de identificação entre Congresso e representados ao episódio em que os parlamentares negaram licença ao regime militar para processar o então deputado Márcio Moreira Alves — ele pedira às brasileiras que se negassem a namorar militares. A recusa levou ao AI-5, às cassações — inclusive de Covas — e ao fechamento do Congresso em 68.

"Nos grandes momentos de crise, essa sempre foi a instituição

mais importante", avalia Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), presidente da Câmara. Ibsen não concorda com a avaliação da maioria de seus colegas de que a CPI aumentou a credibilidade do Congresso. "A sociedade começou a perceber as qualidades desta casa, porque os defeitos continuam", diz. Para ele, nos momentos de crise o Congresso mostra que é essencial à democracia, por sua tradição de coragem. "Com maioria da Arena, essa casa teve de ser fechada para que o governo militar aprovasse o *pacote de abril*", lembra. A ditadura havia mudado as normas das eleições em 1977. Como o Congresso rejeitou as mudanças, foi fechado.

Em conversas com amigos, Ibsen tem se queixado do tratamento recebido pelo Congresso, cujos defeitos são exagerados pela imprensa. O retrato negativo do parlamento, para ele, decorre de sua natureza plural e democrática. Culpa ou não da imprensa, a população não tinha confiança no Congresso antes da CPI do PC.